



KETZER, Estevan de Negreiros. *O silêncio da poesia*. São Paulo: Editora Dialética, 2024. 208p.

Silêncio de mil dobras

Silence of a Thousand Folds

Lyslei Nascimento*

Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG | Belo Horizonte, MG, Brasil

lyslei@ufmg.br

Como um lírico apelo à desaceleração do mundo, a obra de Paul Celan, no sensível ensaio *Paul Celan e o silêncio da poesia*, de Estevan Ketzer, ilumina e projeta, entre as sombras da violência e do trauma, as inumeráveis formas do texto poético se inscrever, sem arroubo, nem mitificações, na vida, no espírito, do leitor.

Nesse sentido, a escrita de Celan é um desafio, entre “a tradição, o aparentemente inteligível”, e sua “indisponibilidade de meios, para dar à linguagem mais do que uma epifania”, e toda a sua “atmosfera de encanto”. Daí, como no tabuleiro de xadrez, estarem diante do leitor casas vazias e cheias, de sentidos, de significações. O leitor, parceiro no jogo, deve aprender a se movimentar sobre e sob o texto, ocupando ou desocupando espaços cristalizados, ou fluidos, fortes ou fracos, numa dança vertiginosa que só a literatura como escritura pode oferecer, segundo o ensaísta, um “intervalo que elide a promessa de totalidade”. Esse intervalo, como sugestão de sentido, aparece, na obra de Paul Celan, em versos como: “Álamo, tua folhagem espreita branca para dentro da escuridão” ou no “Da ponte/ quadra, para/ a vida ele/ saltou, envolto/ em suas feridas, – da/ Ponte Mirabeau”. Nesses versos, o espreitar a escuridão branca para dentro é sempre um trabalho pessoal e intransferível para o íntimo das coisas, mesmo que essa investigação faça a exumação de feridas e seja um salto para o desconhecido.

Encantando e desencantando, lendo e escrevendo, sob os auspícios da palavra iluminadora, Ketzer põe em relevo não só o ofício do escritor, mas as reverberações da sua pena. E penas. Tal qual as estrelas no céu escuro, o silêncio de mil dobras faz surgir o brilho incomparável da poesia. O silêncio, no entanto, as palavras. Silêncio no texto e para o texto, desacelerando ruídos, fazendo deslizar e ruir imagens petrificadas, reeducando os sentidos para o improvável, para o paradoxo da leveza que pode, a poesia, trazer ao peso do existir.

* Professora Titular de Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Faculdade de Letras da UFMG.



Destaco, sobretudo, o peso do trauma de Auschwitz e o que esse espaço do mal significa em nossos dias, analisado com pertinência e sobriedade pelo ensaísta, como “uma letra no deserto”, como “a palavra perdida” e o seu contraponto criador, que distende e alinha a leitura/escritura: a experiência tradutória. O sopro vital, que reaviva a letra, passa, sobretudo, pelo espaço árido do deserto e da perda da linguagem. Não é, porém, uma sentença de mutismo, de alienação ou de esquecimento. Ao contrário, o ensaio de Ketzer aponta para um texto que é inspirado e inspirador, no sentido da respiração, portanto, provocando os movimentos de inspiração e expiração. O leitor de Celan deve ser, sobretudo, alguém que respira no ritmo do texto para a vida, ou seja, traduz, reflete, pensa e sente.

Aproximar a tradição judaica da crítica literária é tentador, adverte o ensaísta. Ao “investigar temas cujo teor torna-se denso, tanto pelo adentramento nas condições para o fenômeno literário, quanto para o aparecimento de questões humanas, hoje em nítida crise”, é, no entanto, estimulante devido às possibilidades criativas das metáforas, das leituras críticas que vão da psicanálise à filosofia.

Desde o fôlego de vida, doado a Adão que é, no entanto, modelado na argila, passando pelo murmúrio de uma brisa suave, no encontro do profeta Elias com o sagrado no deserto, até os versos do salmista e poeta David, para quem Deus “faz dos ventos seus mensageiros e dos clarões reluzentes seus servos”, o sentido metafórico do espírito, *ruach*, em hebraico, da brisa e dos ventos, associado aos clarões reluzentes, traduzem a pertinaz interpretação: ler é decifrar e respirar, encontrar o ritmo, entre o silêncio e as palavras, só para ficar na bela e instigante metáfora do silêncio, aliada a do deserto.

Vem de Jorge Luis Borges uma preciosa lição sobre a respiração, a memória e a leitura que associa à leitura da obra de Celan brilhantemente conduzida por Ketzer. No conto “Funes, o memorioso”, o personagem, que não pode se esquecer de nada, morre de congestão pulmonar. A instrução parece clara: é preciso respirar para ler. Umberto Eco, em *Pós-escrito a O nome da rosa*, em franco diálogo com Borges, ensina que um grande autor sempre sabe em que momento deve acelerar, frear e quais as estratégias usar para dosar esses movimentos. A respiração é, por isso, confiada às frases da narrativa ou da poesia.

Para Estevan Ketzer, a respiração da poesia de Paul Celan, entre o peso e a leveza, como queria Italo Calvino, adverte o leitor para a importância de manter o fôlego, de entrar e sair da tradição, de jogar com casas vazias e cheias, de ler o mundo sem fanatismos.

Enviado em: 30/03/2024

Aprovado em: 10/04/2024